

## **Apresentação** ***“Intelectuais, ciência e modernidade”***

A revista *Intellèctus* (Uerj), em seu segundo número do volume XIII, dá início a uma nova fase de seu projeto editorial, passando a incluir dossiês temáticos organizados por especialistas convidados, como este que temos o prazer de apresentar sobre o tema *“Intelectuais, ciência e modernidade”*.

Os artigos que reunimos trazem resultados de pesquisas originais, vinculadas às distintas matrizes no campo da história intelectual, na sua especial interface com a história da ciência. Voltam-se a temáticas como a circulação de ideias e saberes – por meio da formação de redes de interlocução, leituras e correspondência entre intelectuais –, e o surgimento dos espaços formais e informais a partir dos quais, no Brasil e no espaço ibero-americano, de modo mais amplo, se constituíram os campos científicos na modernidade.

Ganham destaque, assim, intelectuais e categorias de intelectuais que intervieram nos debates sobre ciência e/ou se preocuparam com a sua divulgação – membros do clero, médicos, juristas, historiadores, físicos, matemáticos, entre outros – as representações e práticas associadas a sua produção discursiva e as trajetórias e biografias de intelectuais. Como não poderia deixar de ser, ressalta a questão do engajamento dos intelectuais e sua relação com a produção do conhecimento científico, que perpassa as diversas contribuições. Trata-se, por conseguinte, de estudos sobre intelectuais que, por força de suas respectivas práticas e inserção no campo científico, colaboraram na conformação de identidades políticas, de classe e nacionais.

O artigo de Heloisa Meireles Gesteira, que abre o dossiê, examina, a partir de cartas, crônicas e outros escritos de missionários jesuítas e colonos, a produção do conhecimento sobre o mundo natural do século XVI a meados do XVIII. Considerando a descrição da natureza no Novo Mundo como constitutiva desses textos, a autora visa a identificar sua contribuição para uma delimitação geográfica do Brasil.

Tendo por objeto de análise os textos do bispo Azeredo Coutinho, de finais do Setecentos, Roberta Barros Meira investiga a presença de correntes em defesa da agricultura como a principal riqueza da colônia. Relacionam-se, assim, em seu trabalho, por um lado, a consideração dos interesses da grande lavoura e, por outro, a constituição, nesse espaço, de uma base de intelectuais.

Karoline Carula estuda a apropriação e a ressignificação dos pressupostos de Charles Darwin por médicos e cientistas que atuaram em espaços públicos de vulgarização científica na cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX, em confronto com o exemplo da introdução do darwinismo no México. A autora assinala, desse modo, as divergências e concordâncias concernentes à recepção dessa teoria nos dois países.

A biografia de Fernandes Figueira – responsável, na década de 1920, pela organização da assistência à infância na cidade do Rio de Janeiro – é analisada no artigo de Gisele Sanglard que, como Carula, preocupa-se com o universo de atuação dos médicos. O estudo enfoca a imagem de Figueira construída por seus colegas e consórcios em elogios fúnebres editados na imprensa e pelo próprio pediatra, em artigo de 1924, discutindo, a partir desse material, sua história de vida.

Já Ana Paula Barcelos R. da Silva e Jefferson de Almeida Pinto, em texto escrito em parceria, voltam seu foco aos campos jurídico e historiográfico, nos anos de 1920, na abordagem da chamada reconciliação entre Igreja e Estado. Buscam, dessa forma, refletir sobre as relações entre tradição e modernidade depois da instauração da República e a atuação dos intelectuais católicos.

Encerrando o dossiê, Rogério Monteiro de Siqueira e Luciana Vieira Souza da Silva analisam a recepção, na imprensa paulista, da “Missão italiana” de professores de física e matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo ao tempo de sua fundação, na década de 1930. Os autores propõem uma releitura da questão da vinculação de alguns desses professores ao fascismo, a partir de um viés identitário acerca de sua presença no Brasil.

Essa edição conta ainda com três contribuições na seção de “Artigos livres”, a análise de Carlos Henrique Armani e Renata Baldin Maciel sobre a filosofia da história do escritor uruguaio José Henrique Rodó, o estudo de Mellina de Fátima Curty acerca do movimento emancipacionista capixaba, a partir das elites provinciais, e o trabalho de Carolina Fernandes Calixto, que aborda as disputas em torno da memória de Jorge Amado no centenário de seu nascimento.

*Karoline Carula e Maria Letícia Corrêa*

*Dezembro de 2014*